



# Jornal Interescolar

N.º 1 • 2014 • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Edição da Câmara Municipal do Seixal

Grupo de trabalho do Jornal Interescolar

## Mural - Os três jovens

Os três jovens artistas Andrés, Helder e Tiago, do Projeto Ruas, são os autores do mural que desde o dia 16 de março todos podem ver ao passar pela Praça 1.º de Maio no Seixal. O muro da emblemática Fábrica Mundet foi o local escolhido para esta intervenção que homenageia o 40.º aniversário do 25 de Abril. Os símbolos são de Abril e as palavras são de um dos maiores poetas da Revolução – José Carlos Ary dos Santos. Este mural, que faz a capa do nosso jornal, é o contributo artístico do movimento associativo juvenil do concelho para o Jornal Interescolar Comemorativo do 40.º Aniversário do 25 de Abril.



## Editorial

Comemorar os 40 anos do 25 de Abril com um projeto concretizado por jovens das escolas públicas do município do Seixal, no qual se fala sobre a importância da Revolução de 1974, é uma excelente razão para recuperar o Jornal Interescolar e realizar um número comemorativo.

O 25 de Abril de 1974 é uma das datas mais importantes da nossa história contemporânea, mas para muitos jovens é apenas um acontecimento de há 40 anos, distante e desconhecido. O 25 de Abril trouxe uma nova forma de cidadania que nos permite exercer os direitos e os deveres da participação ativa, na construção de uma sociedade mais justa, onde todos têm direito à saúde, à educação, ao emprego, à justiça, à cultura e à igualdade social.

Participar neste projeto é homenagear a Revolução, numa das suas mais nobres e importantes conquistas – o direito à opinião e à liberdade de expressão. Os temas

abordados neste jornal foram escolhidos pelos alunos que nele participam – 54 alunos de seis escolas públicas do concelho, desde o 5.º ao 12.º ano de escolaridade, e pelos professores.

A Escola Secundária de Amora aborda a censura na literatura e os matemáticos no exílio. A Escola Secundária Manuel Cargaleiro escreveu sobre a censura na imprensa, no teatro, na literatura e no cinema. Os alunos da Escola Secundária João de Barros escreveram cartas de agradecimento aos capitães de Abril. A Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira recolheu depoimentos e recordações daqueles que sofreram a repressão da ditadura. A Escola Básica Dr. António Augusto Louro escreveu sobre o simbolismo da peça escultórica de Pedro Anjos Teixeira – *Homem com o Polvo*, erigida no Seixal em homenagem ao 25 de Abril e construiu uma banda desenhada que documenta uma manifestação comemorativa da Liberdade. A Escola Secundária Dr. José Afonso entrevistou artistas de diferentes gerações, mas num registo comum de intervenção social e política.

A capa do Jornal Interescolar assinala a intervenção revolucionária, através da participação do Projeto Ruas, com um mural pintado no muro da antiga Fábrica Mundet, dedicado ao 25 de Abril.

A Câmara Municipal do Seixal manifesta às escolas, aos alunos, aos professores, ao Projeto Ruas, aos entrevistados e a todos os que participaram neste projeto, o seu agradecimento pelo entusiasmo com que colaboraram no Jornal Interescolas Comemorativo do 40.º Aniversário do 25 de Abril. Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade de expressão! Viva a felicidade!

Joaquim Santos



Carolina Pimpão, 9.º B, Carolina Santos, 9.º B, Maria Catita, 9.º A, Inês Chantre, 9.º B, Ricardo, 9.º B, Fábio Mendes 9.º B, Escola Secundária João de Barros

## Cartas aos Capitães de Abril

Seis alunos da Escola Secundária João de Barros escreveram cartas de agradecimento ficcionadas, dirigidas aos capitães de Abril. Este foi um trabalho concretizado no âmbito da Biblioteca Escolar após uma aula de História sobre o 25 de Abril de 1974.



### Senhor Capitão

Neste ano de 2014, faz 40 anos que o senhor e outros soldados lutaram pela liberdade do nosso país.

Eu quero agradecer a todos os que lutaram pela nossa liberdade por terem livrado Portugal da ditadura. Desde o dia 25 de Abril de 1974, notaram-se grandes alterações em todos os aspetos da sociedade portuguesa. As pessoas já não têm medo de falar, de dar a sua opinião e, abertamente, opinam sobre vários assuntos que antes da Revolução do 25 de Abril eram proibidos, graças às pessoas que fizeram de tudo para nos libertar do regime salazarista. Muitas pessoas presas pela PIDE, por serem contra o regime, foram libertadas as pessoas deixaram de viver aterrorizadas e deixaram de viver sob princípios com os quais não concordavam, sem o direito de protestar ou dar a sua opinião. Por isto tudo que eu referi e por muitas mais coisas positivas que aconteceram depois da Revolução, os meus sinceros agradecimentos.

*Carolina Pimpão*

### Caro Otelo Saraiva de Carvalho,

Venho, por este meio, expressar a minha admiração pela ação do MFA (Movimento das Forças Armadas), de que fez parte, aquando do 25 de Abril de 1974. Sou uma estudante do nono ano que não imagina o que terá sido viver sem liberdade. Eu pertenço a uma geração que cresceu com total liberdade de escolha e de expressão.

No entanto, não é uma geração feliz devido ao clima de crise e instabilidade que leva uma série de pessoas a abandonar o nosso país. Sinto curiosidade em saber como é que vive a atualidade, um homem que defendeu um Portugal cheio dos ideais de Abril.

Imagino que exista frustração e revolta, ainda mais quando se comemoram em breve 40 anos sobre o 25 de Abril de 1974. Gostaria de um dia ter a possibilidade de o conhecer pessoalmente.

Com os melhores cumprimentos,

*Carolina Santos*

### Caro Capitão de Abril,

Como está o senhor? Espero que esteja tudo bem consigo. Eu sou o Fábio, tenho 14 anos e mando-lhe esta carta para lhe dizer obrigado. Obrigado por nos ter salvo. Obrigado por nos ter tirado da ditadura. Obrigado por nos ter dado a liberdade. Obrigado a todos os capitães de Abril por terem tido a coragem de enfrentar o regime.

Antes, as pessoas não podiam colocar o regime em causa, não podiam ter ideias diferentes, senão eram presas pela PIDE. Tinham medo de sair de casa, de falar aos amigos na rua, tinham receio de tudo o que pudesse acontecer. Não havia liberdade de imprensa, passando todas as notícias dos jornais pelo «lápiz azul» que não permitia que fosse publicada alguma coisa contra o regime. E havia muito mais horrores nesses tempos, mas o senhor de certeza que o sabe melhor do que eu.

Agora, posso dizer que somos livres! Vivemos numa democracia! Podemos falar à vontade, discordar das ideias do governo e a imprensa pode publicar o que quiser. Tudo graças a vocês, que fizeram do dia 25 de Abril de 1974 uma data histórica para a nação com o nome de Portugal. Obrigado. Cumprimentos,

*Fábio Mendes*

### Ex.º Sr. Capitão de Abril,

Escrevo-lhe esta carta como prova dos meus sinceros agradecimentos. No dia 25 de Abril de 1974, o senhor e os seus companheiros prestaram o melhor serviço que alguém podia esperar, uma reviravolta, uma revolução na nação portuguesa sem causar uma guerra. Soltaram os presos políticos e pararam com a tortura, mas mais do que isso trouxeram a democracia e a liberdade ao território português. Para mim, liberdade é poder voar sem ter asas, é a independência do ser humano e vocês conseguiram trazer tudo isto com um único ato, o qual acordou um povo que dormia nos limites do medo e do fascismo. Esta Revolução foi a visão inspiradora e a ambição de um futuro melhor, foi o princípio da liberdade. Ler, escrever e opinar sem medo é uma conquista e agradeço-lhe eternamente pela sua coragem e bravura, que permitiram que eu pudesse usufruir dessa conquista. Assim me despeço do meu herói.

Com os melhores cumprimentos,  
*Maria Catita*

### Ex.º Senhor Capitão

Venho, por este meio, agradecer todos os benefícios que a Revolução dos Cravos trouxe à minha geração.

Para começar, gostava de enaltecer a mudança mais significativa, que para mim é a liberdade de expressão. Desde o fim do fascismo e entrada numa democracia a nossa nação tem mantido e permitido a liberdade de expressão, permitindo-me a mim ser livre para dizer, escrever e expressar o que sinto. Esta Revolução contribuiu também para que Portugal se tornasse num país mais «aberto» a novas ideias, costumes... tornando-se hoje em dia numa sociedade muito mais evoluída.

Os avanços tecnológicos devem-se, em parte, a esta Revolução, pois na altura em países mais desenvolvidos já existiam tecnologias desconhecidas em Portugal e, com a bravura da ação dos capitães, o nosso país tornou-se mais desenvolvido e competitivo.

Outro aspeto que sei que mudou desde o 25 de Abril foi o facto de a sociedade se ter mostrado cada vez mais familiarizada com opções de vida proibidas pela lei e condenadas pela sociedade, como por exemplo as relações homossexuais e o aborto. As mulheres têm vindo a reivindicar os seus direitos e estão hoje inseridas no mundo do trabalho.

Para terminar, gostava de, mais uma vez, agradecer tudo o que fez pela nossa pátria, pois foi a luta que travaram que tornou o país no que é hoje. Cumprimentos,

*Ricardo*

### Caros Capitães de Abril

Venho, por este meio, agradecer-vos o esforço que fizeram para conseguirem que os jovens, hoje em dia, disfrutem da liberdade. Nos tempos dos meus avós, não havia liberdade de expressão e as pessoas não podiam queixar-se das condições de vida que tinham mas, com o 25 de Abril de 1974, tudo mudou graças a um grupo de jovens militares cheios de sonhos, vós, meus prezados capitães, e graças à vossa Revolução.

Por tudo quanto fizeram, estou-lhes muito grata. Cumprimentos,

*Inês Chantre*

Inês de Almeida Pinto e Raíssa Sena, 12.º E, Escola Secundária de Amora

## 25 de Abril: As perspetivas de três gerações distintas

**25 de Abril**, data que qualquer português associa à Liberdade. Mas será que todos entendem o que realmente se passou? Conhecem as diferenças entre o antes e o depois? Valorizam-no? Para responder a estas questões, elaborámos um questionário dirigido a pessoas de três gerações diferentes: um homem de 77 anos, uma mulher de 52 e uma adolescente de 15. Após um trabalho de análise, apresentamos as nossas conclusões e os vários pontos de vista sobre uma mesma realidade.



### Migrações

**Se os** dois inquiridos mais velhos nasceram numa pequena aldeia, vendo-se na necessidade de migrar por motivos de trabalho ou educação, a adolescente nunca sentiu a necessidade de o fazer, visto viver numa cidade. O sénior declarou ter saído da sua terra natal aos treze anos, à procura de emprego, fixando-se numa aldeia mais desenvolvida que a sua, no Alentejo. A mulher, da geração de 60, afirmou ter emigrado para a cidade para prosseguir os estudos.

### Infância

**A quantidade** de brinquedos usados na infância e os materiais de que eram feitos variam em função dos inquiridos. O sénior não teve outros brinquedos que aqueles que ele próprio construía a partir de lata, corda, madeira e até cascas de abóbora; a cinquentenária teve seis ou sete brinquedos diferentes (pano, madeira, cerâmica ou plástico) enquanto a adolescente teve apenas brinquedos de plástico, talvez mais de dez. Entendemos, assim, que a indústria infantil de objetos para o público se desenvolveu e as pessoas tenderam a dar aos seus filhos muito mais do que os seus pais lhes haviam dado a elas.

### Educação

**Também** no ensino são captadas inúmeras diferenças. O idoso abordado afirmou só ter feito o ensino primário, tendo começado a trabalhar para a 1.ª classe, e a aviar recados aos sete anos (um ano antes de entrar colaborando em corporações, como a Casa do Povo da sua aldeia. A inquirida cinquentenária começou a trabalhar com vinte anos, na área jornalística, conseguindo fixar-se em Lisboa, o que ilustra a evolução no país, ao nível da formação.

### Entretenimento

**A RTP** começou a transmitir programas televisivos em 1957, disseram-nos o inquirido mais velho, que só começou a ver televisão a partir de 1959, em espaços públicos e com pouca regularidade. A adulta inquirida começou aos cinco anos a ter acesso à programação do canal de televisão, que o Estado controlava. Já a adolescente admite ter começado a ver televisão com três ou quatro anos. O acesso à televisão generalizou-se, tal como a variedade de canais, sinónimo de evolução.

### Consumo

**Para** perceber a abertura ao exterior, uma das perguntas incidiu sobre os bens de consumo e a sua origem. O selecionado mais velho não hesitou em afirmar que quase não havia marcas estrangeiras em Portugal, na época de Salazar, nem grande variedade de produtos, enquanto a inquirida de 52 anos lembrou que marcas como *Philips*, *Toyota*, *Citroën* e *Singer* já faziam parte do seu mundo. A adolescente declarou encontrar mais marcas estrangeiras do que portuguesas. Numa pergunta dedicada à escassez de alimentos, o septuagenário admitiu ter passado fome, ter ido para a escola de estômago vazio, ter partilhado uma só sardinha com os seus pais e irmãs... A situação das inquiridas mais novas já não foi a mesma e mostra que, com o fim da ditadura, as pessoas, mais apoiadas pelo Estado, superaram algumas carências.

### Atividade política

**O inquirido** sénior nunca exerceu o direito ao voto durante o Estado Novo, dado que só quem estava credenciado na junta de freguesia, e se sabia ser leal ao regime, poderia, eventualmente, votar; e a atividade partidária, de acordo com o mesmo, poderia desencadear consequências terríveis.

A PIDE foi reconhecida pelos três inquiridos como polícia que defendia o Estado e perseguia os opositores ao regime (os comunistas), servindo-se de informadores anónimos, fomentando a desconfiança e limitando a liberdade de expressão. O inquirido mais velho reconheceu no governo salazarista a falta de liberdades individuais, lembrando que não podia haver ajuntamentos (se estivessem mais do que três pessoas juntas, a Guarda Nacional agia, imediatamente), não se podia discutir política e as mulheres eram separadas dos homens.

### 25 de Abril

**Nenhum** dos inquiridos viu a revolução acontecer, mas o sénior conta que o 25 de Abril resultou de um punhado de tentativas falhadas e que foi levado a cabo por meia dúzia de militares graduados que se haviam juntado e combinado uma revolução. A inquirida de 52 anos lembra-se de escutar na rádio cantores e de músicas desconhecidas. Quanto às mudanças conseguidas com o 25 de Abril, a jovem realçou a diminuição da pobreza e o desenvolvimento do país, enquanto que o septuagenário declarou que o país está tão pobre como antes, o 25 de Abril apenas trouxe liberdade de expressão. Assim, concluímos que não obstante as perspetivas díspares, o 25 de Abril significa Liberdade.



Ana Carolina, Beatriz, Diogo, Eduardo, Sara, Tiago, Escola Secundária Manuel Cargaleiro

## A censura (re)vista por quem a viveu

Com o intuito de saber-mos um pouco mais sobre o que foi a censura, combinámos um encontro com o jornalista Joaquim Letria, figura importante do meio jornalístico, para contar na primeira pessoa como sentiu os efeitos desta forma de controlar a liberdade de expressão. Foi com simpatia e disponibilidade que aceitou responder às nossas questões e satisfazer a nossa curiosidade, num ambiente informal e descontraído.

**O facto de o país viver em ditadura não condicionou a escolha da sua carreira, sabendo que os seus trabalhos podiam estar sujeitos a censura?**

Não. Aos 18 anos, quando cheguei aos «seniores» aprendi muito, aprendi a «malandrice» toda, fingir a censura, o que me dava muito gozo. A censura era uma coisa terrível, era tão absurdo que as pessoas não imaginam o que aquilo era, não só política, era a moral e até a postura. Havia cortes muito complicados, os censores eram muito inteligentes.

As coisas funcionavam desta forma: eram-nos distribuídos trabalhos e, consoante o tema, nós sabíamos logo se iríamos ser sujeitos à censura ou não. Havia temas que, à partida, não levantavam qualquer problema, mas havia outros que só com grande sorte escapariam intactos. Quando havia dúvidas, os censores não cortavam, suspendiam as provas e ficava-se à espera de uma decisão. No Porto, usava-se o lápis vermelho para censurar e em Lisboa o azul. Quando vinha a resolução da suspensão, muitas vezes vinha a censura a vermelho, ou

seja, ficava-se a saber que o texto tinha ido ao Porto e voltado para Lisboa, era assim que funcionava. Por vezes, acontecia serem cortadas cinco ou seis notícias de uma página, ou seja, tinha de se refazer tudo à última hora, tudo isto era uma «lufa-lufa». Na altura, havia jornais que se opunham ao regime, como o meu, e outros que eram a voz desse mesmo regime e, no entanto, todos nós, os jornalistas, nos dávamos bem. Quando havia um jornalista preso, fazíamos manifestações e abaixo-assinados a pedir a sua libertação. Fui muitas vezes ao *Diário da Manhã*, à *Voz* e à *Novidades*, que eram jornais do regime, com abaixo-assinados e toda a gente assinava. Havia um grande espírito de classe e, em princípio, um jornalista é contra a censura, todos eles eram, ainda que muitos fossem a favor do regime.

**Alguma vez, antes da Revolução, os seus trabalhos foram censurados?**

Foram tantos, tantos... foram anos de trabalhos cortados. Posso-vos dar

dois exemplos conhecidos: o assalto ao Banco de Portugal, na Figueira da Foz, e a morte do general Humberto Delgado. No primeiro caso, como jornalista, consegui ter acesso à notícia antes da PIDE. No entanto, nos quatro dias seguintes não saiu uma única notícia em jornal nenhum sobre este assalto, tudo o que enviávamos para a redação era censurado. No caso da morte do general, durante muito tempo não houve uma notícia sobre isso e o que foi saindo dava sempre a entender que aquilo tinha sido um ajuste de contas dentro da oposição portuguesa, portanto teriam sido os comunistas a matar o general. Eu e outros jornalistas fomos a Villanueva del Fresno assim que tivemos a informação, estivemos lá quase quinze dias e não foi publicada uma única notícia. Só ao fim deste tempo é que começaram a surgir notícias da sua morte, através de fugas de informação. Só depois do 25 de Abril é que se pôde dizer que o general foi assassinado e por quem.

**Sabemos que a revolução não o tornou completamente livre na sua atividade jornalística e que enfrentou alguns problemas. Quer falar-nos sobre isso?**

Posso falar dos problemas de uma maneira genérica, se quiserem. A censura foi uma coisa que existiu, havia uma comissão de censura, mas dir-me-ão que hoje já não há comissão de censura, já não há censura e eu, para ser sincero, tenho que responder: há censura e por vezes ainda pior do que a que havia, porque essa era uma censura que nós trabalhávamos para furar e eles trabalhavam para não nos deixarem dizer coisas. E hoje a censura é muito mais pérfida, muito mais subtil, porque é feita com manipulação e a manipulação é uma coisa tremenda porque se serve das pessoas, porque mente às pessoas, distrai as pessoas e põe-nos todos a pensar em coisas que não interessam, em vez de nos preo-

cuparmos com aquilo que nos deve interessar. Não nos diz a verdade, diz-nos meias verdades.

**Para terminar, diga-nos como vê o futuro do nosso país e deixe-nos uma mensagem de esperança.**

Vejo o futuro do nosso país com muita apreensão e preocupo-me muito porque não vejo futuro neste país para a vossa geração. Estou com isto a ser pessimista? Não estou. Eu acho que alguma coisa há de acontecer, mas não vai ser fácil, não pensem que vai ser fácil. Contem com censura sempre, infelizmente, desconfiem porque tudo é manipulável e tudo é manipulado. Isto está tão mau que para pior é difícil, portanto não vale a pena serem pessimistas. Acreditem que eu passei por coisas muito más na vida, situações muito más, vi gente a viver muito mal, gente que passou por situações muito difíceis e tudo se compôs e resolveu. Agora não há de ser diferente, pode demorar muito, mas há de melhorar. Espero que sejam vocês, a vossa geração, a consegui-lo.

**E foi com esta mensagem de esperança que terminou a entrevista e nos despedimos deste jornalista com uma personalidade tão cativante que, com a sua experiência de vida, nos transmitiu importantes ensinamentos.**



Diana, Fátima, Mafalda, Rita, Escola Secundária Manuel Cargaleiro

## A censura como arma do regime

A **censura** é um instrumento usado por regimes totalitários para impedir que a imprensa e outros meios de difusão de mensagens, incluindo as criativas, como a pintura, escultura, música, teatro, cinema, possam pôr em causa a ideologia vigente e fomentar a conscientização da população para qualquer revolta contra o regime.

Durante o Estado Novo (19 de março de 1933 a 25 de abril de 1974) a censura esteve sempre atívisima em todas as vertentes culturais, constituindo, por isso, um período marcante na história de Portugal.

### Censura no teatro

Durante o Estado Novo, os espetáculos eram submetidos a três censuras: a censura do texto, a censura do espetáculo e a censura depois da estreia. Esta fazia-se consoante as reações do público, mas os censores evitavam-na, porque fazia parte da censura fingir que esta não existia.

Para a censura do texto, enviavam-se as peças que eram depois devolvidas com cortes ou proibidas. A censura do espetáculo era feita nas vésperas da estreia, durante a qual os atores representavam para os censores, que proibiam ou não que a peça fosse apresentada à população.

### Censura na literatura

Todas as obras ou textos que referissem a sexualidade, a revolução, o sindicalismo e a liberdade eram controlados, mutilados ou mesmo proibidos.

Do ensaio ao romance, da sátira à poesia, todas as categorias foram abrangidas pela censura. Não foram só publicações portuguesas a ser censuradas, também muitos livros estrangeiros, cujas temáticas não agradavam ao regime político vigente, foram proibidos. Durante o Estado Novo, cerca de 3300 obras literárias estiveram proibidas. No entanto, em determinadas livrarias, era possível adquirir os livros proibidos que se encontravam escondidos e eram vendidos apenas a clientes de confiança.

### Censura no cinema

Desde 1927 até 1974, em Portugal, foram censurados aproximadamente 3500 filmes. O processo de censura teve duas fases: primeiro, os filmes eram censurados a seguir à estreia por empresários que faziam parte da Inspeção Geral dos Espetáculos. Mais tarde, em 1948, decide-se que um filme só podia ser exibido após a atribuição de uma licença de exibição que dependia de um visto da censura. Só se obtinha a licença se o filme não tivesse cenas de maus-tratos às mulheres, tortura de homens e animais, personagens nuas, adultério e criminalidade. Tanto Salazar como Marcelo Caetano proibiram a exibição de filmes de grande importância cultural.

### O fim da censura

Ao longo da sua vigência, muitas foram as formas de luta encontradas para ultrapassar os limites impostos pela censura nas várias formas de arte. Essa luta foi feita através de jornais, suplementos literários ou juvenis,



tertúlias, imprensa clandestina e também através dos múltiplos estratagemas usados para iludir os censores; mas só com a Revolução de Abril de 1974 e com o fim da ditadura em Portugal é que a liberdade chegou finalmente às várias formas de arte.

Ocasionalmente, porém, o fantasma da censura ainda paira entre nós: Herman José, em 1988, teve de suspender a transmissão dos episódios da série «Humor de Perdição» devido às «entrevistas históricas», onde personagens da História de Portugal eram apresentadas de forma considerada pouco digna; em 1992, o sub-secretário da Cultura vetou a candidatura do

romance «O Evangelho Segundo Jesus Cristo», de José Saramago, ao Prémio Literário Europeu, dizendo que a obra não representava Portugal. Mas será isto censura? A liberdade de expressão deverá ter limites? E a quem cabe a responsabilidade de impor esses limites? E quem define esses limites? Tudo isto são interrogações que, apesar de tudo, podemos hoje discutir abertamente, sem sermos obrigados a seguir o ponto de vista do regime político vigente. Quatro décadas depois, esta é talvez uma das maiores conquistas do 25 de Abril.



Bruno Mourato, Beatriz, Gisela Monteiro, Jéssica Freitas e Raquel Nobre, 10.º E (Equipa do MediaLETRA), Escola Secundária de Amora

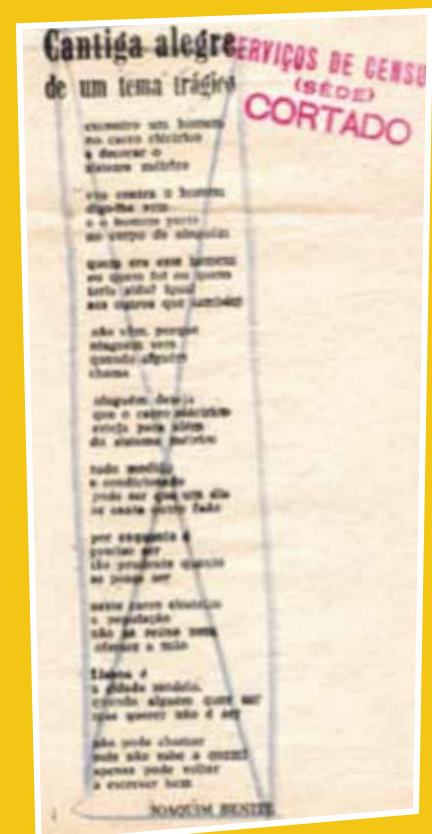
## O lápis azul sobre as palavras da revolução

O Estado Novo, regime ditatorial instituído em Portugal de 1933 a 1974, ano em que cairia com a Revolução dos Cravos, oprimiu e afetou, para além do quotidiano da sociedade, as artes e, portanto, a poesia. Este regime criou um ambiente pouco propício à produção literária. Muitos poetas que se opunham ao Estado Novo viam os seus textos serem censurados e os seus livros confiscados.

Eram também censurados poetas do passado, como Luís de Camões ou Fernando Pessoa, pois os censores consideravam algumas das obras como adversas aos ideais do regime salazarista. Para combater o lapso de liberdade e desconstruir a falsa glória do Estado Novo, poetas como Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, Natália Correia e Manuel Alegre iniciaram a poesia de intervenção, que se armava de arti-

fícios para escapar aos olhos da Censura. Recorriam a metáforas visuais como os monstros, o medo, os fantasmas; remetiam a textos clássicos, bíblicos ou da lírica trovadoresca; entre outros. As canções de intervenção constituíam outra forma de denunciar o Estado Novo. Os principais autores eram Zeca Afonso, José Mário Branco e Sérgio Godinho. O principal exemplo é «Grândola, Vila Morena» de Zeca

Afonso, que serviu como senha de sinalização para o Movimento das Forças Armadas, na Revolução dos Cravos. Contudo, após o 25 de Abril, muitos poetas continuaram a manifestar o desagrado que nutriam pela situação sociopolítica do país, que não correspondia às esperanças que tinham por um Portugal melhor.



José Pedro Penso, Rita Marques, Sara Dias, 11.º A, Escola Secundária Dr. José Afonso

## Chullage - Rap intervenção

É **rapper**, técnico de som, faz sonoplastia para curtas-metragens e teatro, é sociólogo e foi cofundador da Associação KHAPAZ, em Arrentela. Acha que os artistas são operários da cultura e vê o hip-hop como uma ferramenta de intervenção. Fala de José Afonso como uma referência porque a sua música continua atual. Começou a escrever aos 14 anos sobre as coisas que o afetavam: o facto de viver num gueto, de ser filho de imigrantes, de ser pobre. Chama-se Nuno Santos, nome artístico Chullage, que lhe deram no bairro. Foi aluno da José Afonso.

**A sua música é uma clara crítica à sociedade? Porquê?**  
Só sei escrever assim. A sociedade inspira-me e motiva-me. Ando na rua, vejo as cenas, os problemas, a maneira como as decisões dos que têm o poder afetam os que não o têm. Também podes escrever sobre uma sociedade que imaginas diferente, que tu sonhas, uma utopia.

**Qual das suas músicas tem mais significado, a que o faz arrepiar?**  
Dói-me muito cantar *Mulher da minha vida*, uma música sobre a minha mãe (pausa). Arrepiava-me, não a consegui cantar depois de

ela ter falecido. Do ponto de vista político, há várias músicas que, pelo contexto em que as escrevi, me arrepiavam. O *Já não dá* é a que mais me toca, pela realidade que traz às pessoas da minha idade. Foi a que teve mais impacto social. Dos álbuns anteriores, o *National Ghetto* ou *Ignorância XL*, o *Fechar os olhos para não ver*, ou *À pala de quem não come*.

**Como é que as pessoas têm reagido ao seu trabalho?**  
Algumas acham que sou um chato, porque estou sempre a falar do mesmo (risos), outras acham que dou voz aos problemas, algumas não aceitam de bom grado estas críticas e outras reveem-se nelas. O canto de intervenção, o rap politizado, vai ter sempre reações opostas.

**As músicas e as letras são da sua autoria?**  
As letras são todas da minha autoria. As músicas são de vários produtores. Por exemplo o *Já não dá* foi o Brainkilla e eu que produzimos. *Eles comem tudo* é uma produção minha e do Hugo. Os MC trazem um «beat» e tu depois pões cenas. O álbum que tem mais produções minhas é este último, *Rapressão*.

**Na música *Eles comem tudo* há uma clara inspiração em José Afonso. O que é que ele significa para si?**

A música *Eles comem Tudo* é inspirada nos *Vampiros* e é uma homenagem. O que o José Afonso, o Zé Mário Branco, o Fausto cantaram há trinta, quarenta anos continua atual. Até há músicas deles que fazem mais sentido agora e continuam a inspirar-me profundamente. A determinada altura na minha vida, conhecê-los até me deu mais força para continuar.

**Qual o contributo da canção de intervenção para a sociedade?**  
Vai estar sempre a alertar como um farol: toda a gente está calada e a canção de intervenção começa a tocar em certos assuntos, a alertar a sociedade para o que aí vem ou que já cá está. As pessoas às vezes não querem ver porque estão muito maravilhadas com o seu plasma, o seu iPad e não percebem o custo de viver numa sociedade como esta. A música faz também um combate aberto às instituições de poder. O Zeca cantava *Os Vampiros* ou «o povo é quem mais ordena» e apelava claramente à ação.



**A canção de intervenção articula-se com outras formas de arte?**

Sempre. Por exemplo, a pintura da rua é extremamente importante. Em Lisboa, *outdoors* enormes a incentivaram-nos ao consumo substituíram uma série de murais que eram uma herança da altura da Revolução. O cinema documental tem um papel fundamental. Esta é a geração dos audiovisuais, hoje não se ouve música, vê-se música. É importantíssimo que as artes visuais façam a sua parte.

**Esta forma artística pode ser um modo de vida ou precisa de exercer outra profissão?**

Depende. Há momentos em que se ganha fixe, mas há outros em que tens que fazer outras cenas. Eu sou um *freelancer*. Fiz esta escolha. Se fizer uma música que dê dinheiro, nada contra mas não é o principal objetivo. Há pessoas que trabalharam na música muitos anos e que agora estão numa situação difícil: o Fernando Tordo bazono no outro dia para o Brasil.

**O que o levou a participar nas atividades da associação «KHAPAZ»?**

Havia uma representação social negativa de Arrentela, começámos a fazer coisas na rua, workshops, sessões de cinema, ateliês de DJ, de *graffiti*. Como o Gabinete da Juventude apoiava os grupos não formais, fomos criando a associação. Podes fazer 50 músicas a dizer que está tudo mal e não fazer nada para mudar um metro quadrado à tua volta. Não considero isso intervenção. Intervenção é lutares constantemente para mudares a realidade que está à tua volta, desde a tua casa, ao teu quarteirão, ao teu bairro. E seres consciente de que não podes só falar.

**Tem em vista novos projetos?**

Temos sempre! O grupo de teatro que temos é capaz de vir aqui. Faço também intervenção poética que pode ser *a capella*, sem «beat» com outras bases musicais como jazz, música experimental. Tenho um álbum a sair.

Texto coletivo: Clube de Jornalismo da Escola Básica Dr. António Augusto Louro

## Uma escultura que representa o 25 de Abril no concelho

**Na Praça 1.º de Maio**, em frente à Baía do Seixal, está erigida uma escultura elaborada pelo escultor Pedro Anjos Teixeira que presta homenagem ao 25 de Abril. A escultura foi inaugurada no dia 25 de abril de 1982. Esta escultura representa o povo e as dificuldades que vivia antes do 25 de abril. Como?

É simples! O Seixal é uma terra ligada ao rio, é uma terra de pescadores e, por isso, é natural que a pesca faça parte dos costumes e tradições desta localidade. Por isso, a escultura simboliza o ato da pesca: o momento em que pescador acaba de pescar um polvo e ele enrola-se todo pelo pescador, prendendo-o. No entanto, o pescador tenta

libertar-se a todo o custo dos tentáculos do polvo. Mas que significado nos dá este pescador que procura libertar-se do polvo? Que relação tem com a Revolução de 25 de Abril de 1974? Tem um significado muito forte. Esta escultura lembra-nos que o povo foi capaz de lutar e com a Revolução de 25 de Abril de 1974 foi capaz de se

libertar do «polvo» que era a ditadura. Antes, Portugal vivia preso. O Estado «aprisionava» o povo com as suas leis pois ninguém tinha o direito de se exprimir e de viver em liberdade. A escultura simboliza essa força do povo português, a força de lutar contra aqueles que o prendiam e



torturavam. Vivemos em liberdade e democracia porque houve muitos que tiveram a coragem e muita força para vencer quem os «aprisionava». Para nós, é uma imagem muito poderosa e bonita.



Ana Mafalda Couto, André Certã, Carolina Alfama, Guilherme Carmo Margarida Mendes, Maria Gonçalves, Pedro Boto, 9.º C, Escola Secundária Dr. José Afonso

## «Cantemos bem alto a nossa indignação»

Celebrando os 50 anos da escola, quarenta anos do 25 de Abril e 20 anos da atribuição à escola do nome de José Afonso, Francisco Fanhais visitou-nos como cantor e como amigo próximo de Zeca Afonso. O tema principal foi o papel da canção de intervenção no despertar de consciências e nos acontecimentos que culminaram no 25 de Abril.

### «Cantar é tão natural como o sangue me correr nas veias»

Francisco Fanhais, presidente da Associação José Afonso:

«Em tempos, fui padre. Hoje em dia, continuo a ser cristão.

Fui também professor de Moral: falava-se de tudo e até de religião. Os alunos chegavam a casa e diziam que cantavam nas aulas e que falavam sobre a guerra colonial. Alguns pais gostavam muito, outros ficavam chocados». Alguns fizeram queixa, pelo que acabou por ser proibido de dar aulas e, mais tarde, de cantar e também de ser padre.

Considera-se apenas um intérprete e não um autor de canções, como José Afonso ou Sérgio Godinho.

Foi por sugestão de José Afonso que foi a um programa de televisão, de nome *Zip-Zip*, em que entrevistavam cantores de «músicas um pouco

irreverentes»..

A partir daí, começou a integrar o grupo de cantores como José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, José Barata Moura, Manuel Freire, José Jorge Letria, Rui Mingas, que «através dos seus poemas, da viola, da voz, cantavam por todo o país».

Em 1995, recebeu a Ordem de Liberdade atribuída pelo Presidente da República Mário Soares.

«É agradável sabermos que lutamos uma vida inteira por uma causa que temos a certeza que é justa e que alguém se lembre de reconhecer esse esforço. É agradável mas, no dia a seguir, nós continuamos iguais ao dia anterior, não é?»

### Amigo maior que o pensamento

«A primeira impressão foi de uma admiração enorme».

Já tinha ouvido falar de José Afonso como professor, como cantor de fados de Coimbra desde 1950, mas o grande impacto, o primeiro choque positivo foi quando, em 1963, ouviu *Os Vampiros* e o *Menino do Bairro Negro*. E pensou «Isto é que é cantar! Como eu gostava de conhecer este homem, de cantar com a mesma coragem, com a mesma força e, simultaneamente, com o mesmo lirismo. Para mim, foi um murro no estômago ouvir alguém cantar, no tempo

do fascismo, “Eles comem tudo e não deixam nada”».

A visita à casa de José Afonso, em Setúbal, com amigos, aproximou-o do cantor: «Foi aí que começou uma amizade que se desenvolveu ao longo dos anos até à sua morte». Francisco Fanhais destaca: «Quando falei com ele, percebi que tinha ali um companheiro.

Era um homem de uma grande simplicidade, de um desprendimento total, com uma voz magnífica e uma inspiração poética sensacional. Era o mais antivedeta possível, de uma generosidade a toda a prova.» Quando canta músicas do Zeca, tem sempre presente a sua memória.

### Evocar a memória do Zeca para fazer dela uma arma

Lembra que «quando um amigo nos deixa, não podemos ficar cheios de espaços vazios. Quando evocamos a memória do Zeca, a saudade que ele nos deixou, é para fazermos dela uma arma contra o pessimismo, o deixar andar, a resignação. Que isso seja como uma força para lutarmos por aquilo a que temos direito».

### José Afonso – a arte ao serviço da cidadania

Recorda o grande exemplo que José Afonso deixou neste verso «Não me obriguem a vir para a rua gritar...», concordando que «podemos e devemos gritar bem alto a nossa indignação

e a nossa revolta quando não estamos de acordo com a situação que estamos a viver. Se não gritarmos, significa que cruzamos os braços. Devemos vir todos «para a rua gritar» quando tivermos razão para isso, quando nos estiverem a «apertar os calos» como é o caso da presente situação.

Houve uma altura em que as pessoas saíam do país porque este não lhes dava condições dignas de trabalho. Hoje não acontece a mesma coisa? Hoje são os governantes que dizem «“Meninos, pirem-se, vão pôr ao serviço dos outros aquilo que aqui aprenderam!” É uma sangria de inteligência, de conhecimentos...»

Francisco Fanhais pensa que as músicas de José Afonso contribuíram para mudar a forma de pensar do povo. Não só contribuiu para a conquista da liberdade mas também para a criação de um espírito de fraternidade, afirmando que ele era «um homem solidário até à medula, um cidadão vertical, de corpo inteiro, que pôs a sua arte ao serviço da cidadania. Quando, numa manifestação de milhares de pessoas, se canta a *Grândola*, isto tem um significado «O povo é quem mais ordena». Os milhares e milhares de pessoas que lá estavam não podem esquecer que foram influenciados por aquilo que

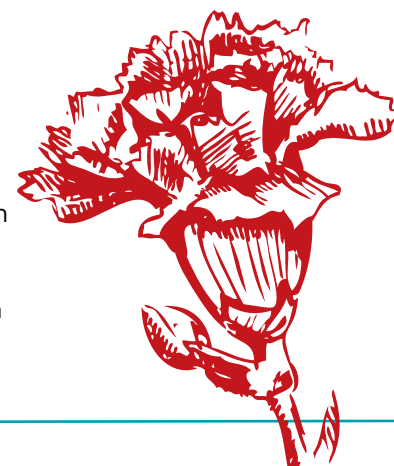
o Zeca cantou».

«O Zeca e os outros foram um exemplo para mim porque não se acobardavam e lutavam contra a situação.»

«Naquela altura, nós sujeitávamo-nos a ser presos só pelo facto de estarmos a cantar em público. Denunciar a guerra colonial cantando era considerado um escândalo.»

### Os passos da Grândola

«Não calculam o orgulho que eu tenho de ter participado com mais três pessoas – O Zeca Afonso, o José Mário Branco e o Carlos Correia – na gravação de uma das músicas escolhida para ser um dos símbolos do 25 de Abril. Foi gravado em França, em 1971, em duas partes: primeiro, os passos foram gravados na gravilha que existia no exterior do estúdio, às 3 da manhã porque era a hora a que não havia trânsito; os coros foram gravados no dia seguinte, ouvindo-se nos auscultadores o som dos passos.»



Entrevistas realizadas pelo grupo de alunos da biblioteca da Escola Secundária Alfredodos Reis Silveira

## Álvaro Pato

**Ex-presos** político, resistente anti-fascista, filho de Octávio Pato.

### Como era a vida antes do 25 de Abril de 1974?

Os vossos avós são a verdadeira memória do que foi o antes do 25 de Abril. Portanto, eventualmente se tivessem feito uma entrevista com os vossos avós teriam percebido que não era possível falar de política, de sexualidade, de voto aos 18 anos, porque não existia o direito democrático aos jovens e, mesmo aqueles que, acima dos 21 anos pudessem votar, eram escolhidos pelo regime e inscritos em cadernos eleitorais, e obviamente esses votos eram controlados, acrescentando o facto que as mulheres não tinham direito a voto. Aquilo que hoje é o pulsar da nossa democracia, este direito de uma pessoa ter direito a um voto não existia antes do 25 de Abril. Vivia-se com muitas dificuldades. Se perguntarem aos vossos avós contar-vos-ão que uma sardinha dava para 4. Uma grande parte dos meus colegas de escola andava descalço. E existia outro problema muito grave: a guerra colonial. Era um problema central para os rapazes e colocava-nos a questão: o que é que eu vou fazer? Faço a tropa? Emigro? Para terem uma ideia, entre 1961 e 1970, o número exato de emigração masculina era de mais 1 milhão e meio de portugueses... Portanto, um dos aspetos cruciais, quando eu tinha a vossa idade, era a guerra. Os problemas e dificuldades que hoje em dia não se consentem nem se admitem, naquela época eram uma realidade.

### O Álvaro e a sua família foram resistentes antifascistas?

Vivi 10 anos em Vila Franca de Xira com a minha prima Clara, em circunstâncias penosas, penosas porque o meu tio foi morto em 1950, preso em Caxias. De 1961 a 1970, data de prisão do meu pai, não fiz outra coisa senão visitas prisionais.

### O que desencadeou a sua luta contra o regime?

Pertenci à Associação de Estudantes do Instituto Industrial. Os liceus ou colégios eram reservados às elites. Os filhos de trabalhadores e operários tinham acesso às

escolas técnicas. Integrei o movimento estudantil e a luta, principalmente quando encerraram *A Engrenagem*, o nosso jornal. Falava dos problemas estudantis, das condições materiais e da falta de recursos didáticos. A associação de estudantes policopiava em duplicadores sebatas que vendia a baixo preço, eram os nossos livros. Esta atividade levou-a ao encerramento com a invasão do espaço pela polícia de choque. Fui suspenso um ano. Isto passa-se em 1969, período pós-eleitoral, eleições tão democráticas que a União Nacional ganhava sempre mesmo sem votos. As associações de estudantes tiveram um papel ativo na luta contra o fascismo e o Instituto Industrial foi um exemplo. Fizemos greve às frequências, situação inédita. Era impensável continuar as aulas naquelas instalações. O regime fez-nos um novo instituto. Uma vitória que transmite uma ideia essencial: não há nada sem luta.

### Continuou a sua luta a seguir à associação de estudantes?

Sim, como militante do PCP. Fui desertor, e vivi clandestinamente entre o Seixal e Setúbal para me defender da prisão e organizar e mobilizar os jovens para a luta, na ligação à atividade cultural e política. Não era fácil, existiam bufos dentro das organizações que, mesmo a troco de pouco dinheiro, entregavam informações à PIDE. Como num encontro com um colega, em que apareceu a PIDE e fui preso e sujeito à tortura de sono.

### O que eram as prisões políticas?

Para quem estava contra o regime e tinha a coragem para ir até às últimas consequências, o sistema previa a prisão, a tortura a condenação. Na prisão de Peniche onde, entre 1934 e 1974, passaram 2 mil e quinhentos presos políticos, homens de todas as condições. Estes factos tornam estranho que alguns digam que o regime fascista restringia as liberdades mas não fazia grande mal ao povo português... são milhares os



anos de prisão só em Peniche. Portanto isto dá uma ideia da dimensão do regime ditatorial e de como quer civis quer militares foram-se revoltando, viraram as armas contra o próprio regime e esse foi o legado mais importante do 25 de Abril. A luta pela liberdade.

### Como foram os tempos de prisão política?

Quando cheguei, fui espancado. Em seguida fui posto numa cela onde perdi a noção do tempo e do espaço, tinha uma cadeira, uma mesa e um espaço para duche. Não tinha cama. Comecei a ter alucinações, tentaram tirar-me a cadeira mas eu não deixei, o meu tio morreu a fazer de estátua. Em pé, teve um problema cardíaco. Portanto eu mandei-me para o chão. Muitos deles morriam por não conseguirem resistir física e psicologicamente. Eu sobrevivi 11 noites sem dormir. Fui torturado mas salveguei sempre os meus camaradas. Marcou-nos, mas valeu a pena, o 25 de Abril deu-se porque houve sacrifício, porque houve luta e resistência.

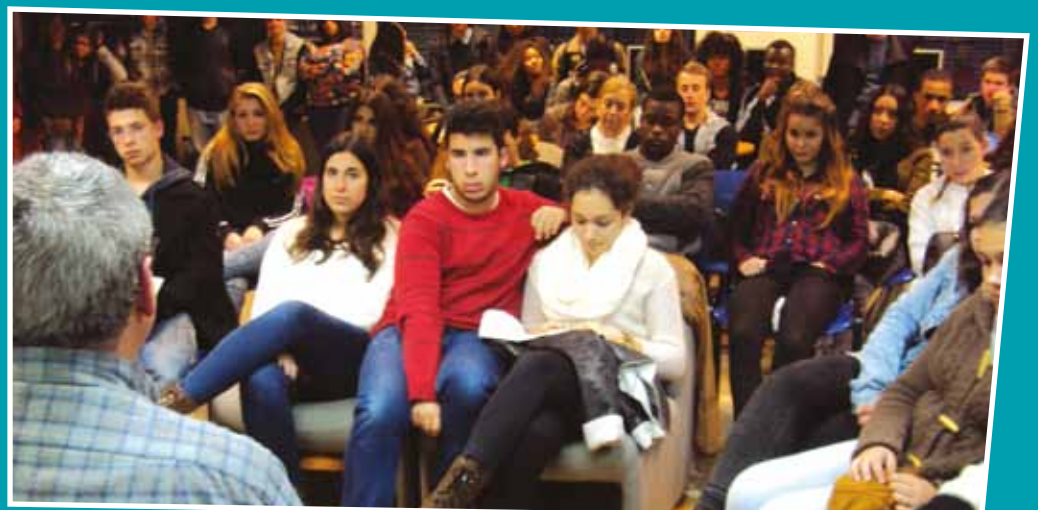
### Como foi a libertação em Caxias?

Na manhã de 26 de abril de 1974, os militares cercaram a cadeia de Caxias e anunciaram a libertação. Fomos levados para o pátio e fotografados por jornais que diziam que tínhamos sido libertados, ficaram convencidos, mas o general Spínola só queria libertar apenas alguns presos. Regressámos às celas, pedimos uma reunião,

antes impensável, mas o diretor da prisão permitiu que o fizéssemos numa cela. Tínhamos a informação de que só havia libertação para alguns. Decidimos então que ou sai toda a gente ou não sai ninguém, fizemos uma ameaça de greve de fome. Antes tínhamos feito seis dias de greve da fome pelo direito a beijarmos os familiares na visita da Páscoa. A nossa libertação deu-se então na noite de 26 para 27 de abril de 1974, por entre milhares de pessoas que nos aguardavam. Depois do 25 de Abril, alguns desertores tiveram que voltar à tropa, no meu caso tive que cumprir mais cinco meses. Depois, naturalmente, como qualquer jovem da minha idade, fui arranjar trabalho, nessa altura o desemprego era muito pouco significativo e mais tarde casei-me e agora tenho dois filhos e também já tenho um neto, fico satisfeitíssimo com a minha família.

### E 40 anos depois?

Esta é que era a realidade. 40 anos depois há que ter a coragem de lutar contra um regime seja ele qual for. Se ele é injusto para o seu povo, há que lutar. A liberdade de votar não é tudo! Temos de lutar pela democracia em todas as suas vertentes: política, social, económica e cultural, pelos direitos consignados na Constituição, muitos dos quais estão hoje a ser postos em causa. Como os direitos ao trabalho, à educação, à saúde, à assistência social, à cultura, etc. É esse apelo que vos faço, enquanto jovens de uma nova geração, que não devem deixar de lutar pelos vossos direitos, que são, afinal, os Direitos do nosso povo a ser feliz.





Entrevistas realizadas pelo grupo de alunos da biblioteca da Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

## Clara Pato



**Resistente** antifascista. O seu pai, Carlos Pato, morre aos 29 anos, em consequência das torturas da PIDE. Clara tinha 20 meses e o seu irmão 7 meses. A mãe era uma jovem mulher, que para além de ficar com 2 filhos pequenos, vivia à época dificuldades.

### Como foi crescer durante a ditadura?

Os meus avós ajudaram a educar-me. Cresci numa família muito ativa e sacrificada. O meu pai era um dos irmãos Pato e todos estiveram presos. A minha infância e adolescência foram passadas a caminho de Caxias e Peniche para visitar os familiares que estavam presos. A PIDE costumava ir lá a casa, obrigando-nos a levantar da cama. Não éramos livres. Vivi sempre apavorada com o que podia acontecer.

### Como eram vividas as visitas aos familiares presos?

A minha avó chorava muito, mas ao chegar à porta da prisão parecia que lhe carregavam num botão e dizia «agora ninguém chora!» e eu fui habituada assim. Eu nunca chorava à frente das pessoas. As visitas eram feitas à rede, mas uma vez por ano podíamos abraçá-los e beijá-los e, mesmo com a polícia ao lado, conseguíamos apanhar uns recados para passar a outros presos ou pessoas cá fora. Era o dia da visita em comum. E esse dia não poderíamos faltar porque era único. Numa ocasião, um PIDE veio falar comigo, deu-me um beijo e o meu tio Abel limpou-me a cara com um lenço dizendo: «um beijo de um PIDE não pode ficar aí!»

### Qual é o balanço da democracia, 40 anos depois da Revolução?

Fez-se muito em termos de liberdades e regalias sociais, sobretudo para as mulheres, no direito ao trabalho, direitos sociais, direitos humanos, direitos consignados na Constituição, que nos pode defender. Os jovens devem ser conscientes e ativos para que não voltemos a uma época de escuridão. Nas eleições, a abstenção é cada vez mais elevada. Temos de participar. E o voto é fundamental. Se eu não votar, não tenho direito a reclamar.

### O que pensa sobre a atual «onda de emigração» dos jovens e adultos?

Enquanto antigamente se atravessava a fronteira clandestinamente, morrendo nas travessias ou passando apenas com mala e chapéu de chuva, agora vão embora com os diplomas debaixo do braço... A maior parte da juventude que está a sair agora não vai voltar, tendo em conta que aqui não tem condições. A cultura é negligenciada e um povo sem cultura e sem juventude morre, porque os velhos vão morrer e o máximo que podemos cá deixar são papéis. Mas se depois não estão cá para os lerem, para que servem?

### No período imediatamente a seguir ao 25 de Abril, como foi a adaptação?

Houve um período de digestão. A adaptação para os mais velhos foi mais complicada visto que os jovens tinham a mente mais aberta, com exceções obviamente. Um pássaro, quando está muito tempo fechado numa gaiola e depois é libertado, ele voa mas aos ziguezagues e dá umas cabeçadas, por vezes. A Revolução de 25 de Abril foi a conquista da democracia e da liberdade, nada pode justificar a perda destes valores.



## António Pereira



**De Cabeceiras** de Basto, emigrou, com a mulher e os dois filhos, para França, assim como muitos outros portugueses nos anos sessenta, do século XX, em consequência da pobreza do país e do regime político e ditatorial em Portugal. No dia 25 de abril de 1974, António tinha 43 anos.

### Porque emigrou para França?

Para ter uma vida melhor, visto que em Portugal vivia-se muito mal, sem dinheiro e sem liberdade. Era em França que estava quando se deu o 25 de Abril. Estava com a minha família quando ouvi na rádio e vi na televisão. Senti um orgulho enorme por termos conseguido acabar com o fascismo em Portugal e alcançado a liberdade.

### Lembra-se de, quando estava em Portugal no período do Estado Novo, haver algum informador (bufo) na sua zona?

Sim, um padre, morava ao pé da minha casa e toda a gente sabia. Os bufos eram informadores da PIDE.

### O que sente 40 anos depois do 25 de Abril?

Valeu a pena, trouxe a democracia, estávamos num regime fascista, isto é, Salazar mandava em tudo e as pessoas não tinham o direito à palavra e quem falasse era preso. No entanto, se havia algo de bom era o facto de as pessoas não darem valor à riqueza dos outros e não havia tantos assaltos.

Mas não vejo grandes melhoras. Antigamente não havia reformas porque a maior parte das pessoas trabalhava na agricultura. As pessoas trabalhavam a vida toda, passando fome, muita fome. Agora as pessoas não trabalham tanto mas não recebem o suficiente para viverem bem. As pessoas, sobretudo os jovens, agora emigram.

## Alice Sousa



**Natural de** Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança, nasceu em 1964. Vive no Seixal.

### Que memórias guarda da Revolução de 25 de Abril de 1974, 40 anos depois?

Alice diz-nos que, quando se deu o 25 de Abril de 1974, tinha 9 anos e vivia em Fontelonga. «Recordo a aflição da minha mãe ao saber que algo se estava a passar em Lisboa. A minha irmã estava a trabalhar em Lisboa e outros pais lá na aldeia estavam muito preocupados com os seus filhos, porque era muito difícil contactar com eles».

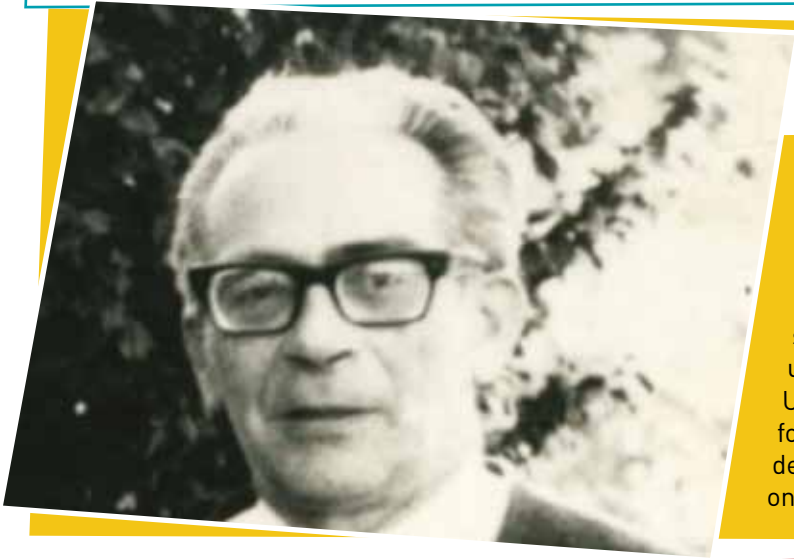
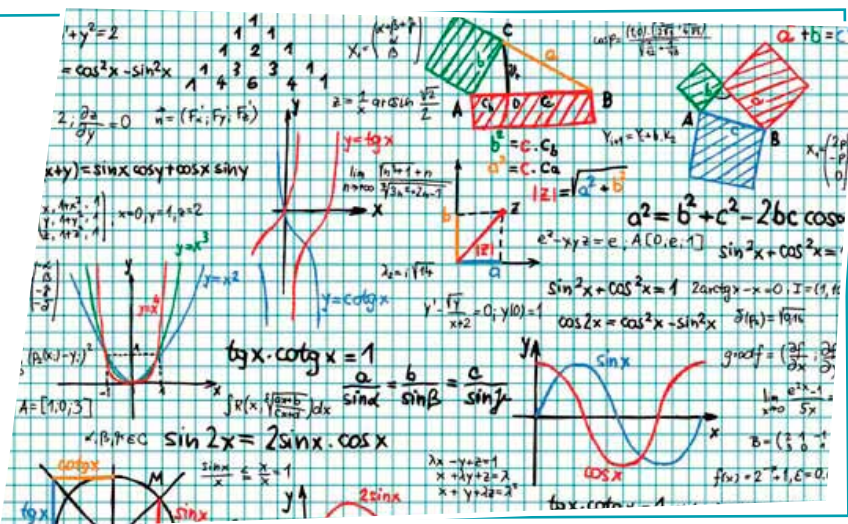
Guarda também na memória de que «antes do 25 de Abril, tínhamos que saber o nome das serras, dos rios, das linhas de comboio de Portugal e das colónias. Quando voltámos à escola, uns dias depois da Revolução, já nada disso era exigido».

Alice conta-nos que o seu irmão mais velho «foi enviado para Moçambique. Iam e não sabiam bem porquê. Sabiam que iam para a guerra de outros, lutar sem razão nenhuma. Lembro-me de que ele voltou, muito magro e com um aspeto muito adoentado. Nem o reconheci. É importante dizer-vos que não queremos isso nunca mais. 40 anos depois não podemos deixar definhir a liberdade e a democracia».

Hugo Faustino (10.º A) e Inês Cabrito (10.º C), Escola Secundária de Amora

## Matemáticos portugueses no exílio

**Durante** a época ditatorial, por não concordarem ou não se submeterem à ideologia salazarista, muitos matemáticos, membros do Movimento Matemático Português, exilaram-se no estrangeiro. Após a Revolução do 25 de Abril de 1974, alguns regressaram a Portugal, reavendo os seus cargos, bem como a estabilidade política e social. Entre os mais conhecidos matemáticos exilados estão António Aniceto Monteiro, José Morgado e Ruy Luís Gomes.



### António Aniceto Monteiro

**Nasceu** em Angola, a 31 de maio de 1907. Estudou em Lisboa e em 1930 licenciou-se em Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, obtendo o doutoramento em Paris, em 1936. Quando completou os estudos, regressou a Portugal, tornando-se o impulsionador de diversas iniciativas e criou, em 1940, a Sociedade Portuguesa de Matemática. Por não estar de acordo e não se submeter às ideias salazaristas, foi impedido de continuar a sua carreira universitária em Portugal. Recomendado por Albert Einstein, foi convidado pela Universidade do Brasil, país onde se refugiou da ditadura. Por motivos de guerra interna, foi-lhe impossível permanecer no Brasil, partindo em 1957 para a Argentina. Após o 25 de Abril, voltou a Portugal, onde permaneceu dois anos. Regressou então à Argentina, onde faleceu a 25 de outubro de 1980.

### Ruy Luís Gomes

**Nasceu** no Porto a 5 de dezembro de 1905. Frequentou o Curso de Ciências Matemáticas na Universidade de Coimbra, tendo concluído a licenciatura em 1926, com a classificação de 20 valores. Doutorou-se em 1928 e em 1933 tornou-se professor da secção de Matemática daquela faculdade. Foi, também, diretor do Gabinete de Astronomia e cofundador do Observatório Astronómico da Universidade do Porto e cofundador da Sociedade Portuguesa de Matemática. Em 1947, Ruy Luís Gomes foi demitido de professor catedrático da Universidade do Porto, tendo sido afastado do serviço pelo ministro da Educação, por ter sido contra a prisão, pela PIDE, de uma aluna sua. Entre 1945 e 1957, esteve preso em, pelo menos, dez ocasiões, devido à sua atividade política, acabando por se exilar na América do Sul. Foi docente na Universidade de Bahia Blanca, na Argentina, e na Universidade de Pernambuco, no Recife (Brasil), de 1962 a 1974. Regressou a Portugal após o 25 de Abril, tendo-se tornado reitor da Universidade do Porto. Faleceu vítima de enfarte do miocárdio, a 27 de outubro de 1984.



### José Morgado

**Nasceu** em Vila Real, a 17 de fevereiro de 1921. Apenas estudou durante seis anos, visto que a escola se encontrava muito longe da sua aldeia. Como se revelou um excelente aluno, alguns professores encarregaram-se de garantir que prosseguisse os seus estudos. Frequentou, em 1944, a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, tendo-se licenciado em Ciências Matemáticas. Por deliberação do Conselho de Ministros, foi afastado do ensino oficial por razões políticas, sobrevivendo, durante 13 anos, com o dinheiro das lições particulares que prestava a estudantes universitários. Participou no Movimento Nacional Democrático, tendo estado preso diversas vezes. Emigrou para o Brasil em 1960 e lecionou, na Universidade do Recife, até 1974, tendo como colega o seu antigo professor Ruy Luís Gomes. Regressou a Portugal após o 25 de Abril, tornando-se professor da Universidade do Porto, cidade em que morreu, a 8 de outubro de 2003.

Tomás Moreira. 6.º ano, Escola Básica António Augusto Louro



## Ficha técnica

**Escola Secundária Dr. José Afonso**  
**Professoras:** Dulce Oliveira, Antónia Fradinho, Dora Pinheiro e Alice Santos.

**Alunos:** Margarida Mendes, 9.º C, Maria Regina Gonçalves, 9.º C, Carolina Alfama, 9.º C, Ana Couto, 9.º C, André Certã, 9.º C, Pedro Boto, 9.º C, Guilherme do Carmo, 9.º C, Cláudia Almeida, 11.º A, João Meneses, 11.º A, José Penso, 11.º A, Rita Marques, 11.º A, Rita de Dios, 11.º A, Íris Ribeiro, 11.º A, Mariana Santos, 11.º A, Sara Dias, 11.º A, Patrícia Nunes, 11.º A, Mariana Santos, 11.º A.

**Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira**

**Professora:** Ana Paula Gonçalves.  
**Alunos:** Sérgio Sousa, 12.º T2, Rafael Matos, 12.º H2, Mariana Clarinha, 11.º H2, Inês Mateus, 10.º H3, Micaela Dantas, 10.º H3, Inês Ribeiro, 10.º H3, Bruna Ferreira, 12.º T1, Mafalda Monteiro, 12.º T1, Alice Milheiras, 10.º H3, Sara Albino, 10.º H3, Bruno Marques, 12.º T1

**Escola Secundária Manuel Cargaleiro**  
**Professores:** Júlia Freire, Jorge Duarte, Ana Faria Duarte e Luísa Pereira.

**Alunos:** Mafalda Pinheiro, 11.º C, Rita Pereira, 11.º C, Beatriz Rodrigues, 11.º D, Diogo Fonseca, 11.º D, Eduardo Pires, 11.º D, Sara Anselmo, 11.º D, Tiago Velez, 11.º D, Ana Carolina Martins, 9.º A, Diana Pinheiro, 11.º C, Fátima Soares, 11.º C, Clube de Jornalismo

**Escola Secundária de Amora**  
**Professores:** Margarida Correia, Maria dos Anjos Ferrão, Luís Valério.

**Alunos:** Bruno Mourato, 12.º E, Gisela Monteiro, 12.º E, Jéssica Freitas, 12.º E, Raquel Nobre, 12.º E, Clube de Jornalismo

**Escola Básica Dr. António Augusto Louro**

**Professor:** José Plácido  
**Alunos:** Tomás Moreira, 6.º B, Inês Amaral, 6.º G, Diogo Matias, 6.º G, Ana Carolina Ferreira, 6.º G, Liliana Ribeiro, 6.º G, Márcia Reis, 6.º G, Alexandre Ferreira, 6.º G, Inês Brito, 5.º B, Beatriz Polónio, 5.º B, Catarina Vilela, 5.º B, Guilherme Prada, 5.º B, Miguel Pólvora, 5.º B, Clube de Jornalismo

**Escola Secundária João de Barros**  
**Professoras:** Lucília Achado e Rosa Marques

**Alunos:** Carolina Pimpão, 9.º B, Carolina Santos, 9.º B, Maria Catita, 9.º A, Inês Chantre, 9.º B, Ricardo, 9.º B, Fábio Mendes, 9.º B

**Edição e paginação:** Câmara Municipal do Seixal

**Impressão:** Grafedisport – Impressão e Artes Gráficas, SA – Rua Consiglieri Pedroso – Casal de Santa Leopoldina – Queluz de Baixo – 2745-553 Barcarena –  
 Tel.: 214 345 400 Fax: 214 360 542

**Tiragem:** 8000 exemplares  
**Distribuição gratuita**



LIBERDADE



Escola Secundária Dr. José Afonso

MUDANÇA



Escola Básica António Augusto Louro

JUVENTUDE

DEMOCRACIA



Escola Secundária de Amora

FUTURO

CONSTRUÇÃO



Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

VITÓRIA

DESENVOLVIMENTO

DIREITOS

REVOLUÇÃO



Escola Secundária Manuel Cargaleiro



Escola Secundária João de Barros